

Deambulando Sobre o Mecanismo Gerador de Identidade: o nosso pensamento e o património sustentado

Sandra Peliano¹, Alexandra Figueiredo^{2,3}

¹CAA Portugal. Escola Cesário Neves, Alvaiázere, Portugal (sisabelpestanda@gmail.com)

²LABACPS-IPT, Instituto Politécnico de Tomar, Quinta do Contador, Estrada da Serra 2300-313, Tomar, Portugal, (alexfiga@ipt.pt)

³Centro de Geociências - Univ. de Coimbra, Rua Sílvio Lima, Univ. Coimbra, Coimbra 3030-790, Portugal (alexfiga@ipt.pt)

Recebido: 30 maio 2020 / Aceite: 15 novembro 2020 / Disponível online: 1 março 2021

Resumo

Se há debate que se apresenta efusivo na pós-modernidade, a necessidade de nomenclaturas é provavelmente a mais emergente. Entre elas, o Património revela especial destaque, pois a este está ligado tanto a vertente “contabilística”, como a vertente “humana”. O Património refere a Identidade, ou será a Identidade que “identifica” o Património? Sabemos que o legado histórico cria, legitimidade e historicamente, a própria palavra “identidade”, que está ligada a essa conexão. Sob esta temática lançam-se várias discussões, entre o que é Património e como é que este se transmite, não perdendo a identidade, mas gerando a partir de si mesmo um produto. Neste artigo, pretende-se criar uma linha de pensamento reflexivo, que permita ao leitor o reconhecimento de cada uma das temáticas bem como da sua fusão, a par com novas formas de transmissão das mesmas.

Palavras Chave: Educação Patrimonial, Património, Identidade, Cultura.

Abstract

If there is a debate that is effusive in postmodernity, the need for nomenclatures is perhaps the most prominent. Among them, Patrimony is particularly noteworthy, since it is linked to both the accounting aspect and the “human” aspect. Does Heritage refer to Identity, or is it Identity that “identifies” Heritage? We know that it is always the historical legacy that legitimizes “whatever” and historically, the very word “identity” is linked to what something is. Under this theme, several discussions are launched, between what is Heritage and how it is transmitted, not losing its identity, but generating from itself a product. In this article, we intend to create a line of reflective thinking, which allows the reader to recognize each of the themes along with their fusion, alongside new ways of transmitting

Key words: Heritage Education, Heritage, Identity, Culture.

1. INTRODUÇÃO

Vive-se atualmente uma crise de identidade! A humanidade enquanto Ser Senciente, enquanto *Homo Sapiens*, tão adolescente na sua idade, revela-se com uma crise da própria ideia de identidade. A abstração do seu pensamento levou-o a um caminho com rasgos de pensamento autoconsciente que se podem retratar em simples questões como: Quem sou eu? Que faço aqui? De onde venho? Estas perguntas acompanharam a humanidade desde a sua separação evolutiva dos restantes primatas, ao ponto de a Antropologia sentir necessidade de referir a evolução deste sapiens, num conceito de reforço do pensamento para o homem moderno, definindo-o como *Homo Sapiens Sapiens*, conferindo a este o dobro da sapiência e integrando-o naquilo que é *Ser Humano*. Claro que à parte das alterações físicas e morfológicas se registaram, sobretudo, alterações no domínio do simbólico e do entendimento do

meio e do próprio ser. Talvez, quando o *Homo* vivia ligado ao seu elemento, como parte integrante do gigante ecossistema Terra e, conseqüentemente, à cadeia alimentar, às intempéries climáticas e à fisiografia do terreno, o entendimento fosse uno, mas atualmente, o *Homo* está cada vez mais separado do seu elemento primordial, que determina o processo complexo a que chegamos sobre o nosso entendimento de Entidade e Identidade, ao ponto de querermos perceber O que sou eu?, criando novas perceções e diferenciações na forma como nos vemos.

Isto cria um paradoxo, porque o nosso distanciamento da terra, da imensidão da criação e do desafio da sobrevivência, já não nos permite reconhecê-lo no Todo, no ecossistema. Ou seja, não nos revemos porque na verdade não fazemos parte, separámo-nos das condicionantes e das condições humanas, das “balizas” que formam a existência de cada forma de vida e durante o percurso em que chamamos de evolutivo, não

demos conta que a parte não tem sentido em si própria a não ser no Todo que a cria. Se não nos reconhecemos como parte do Todo, parte da Terra, parte dos elementos, parte da cadeia alimentar, parte dos ciclos de vida, parte da fragilidade, não é fácil reconhecermo-nos na parte que nos constitui e com isto ficamos separados sem identidade.

Desde a década de 60, a tomada de consciência do planeta Terra como valor mais alto a ser preservado, sob pena da extinção da espécie humana, trouxe o foco para a importância da ecologia e do renascimento dos valores ligados às nossas noções mais primitivas: a Paz, o Ambiente, a História, a convivência na Diversidade, a Cultura, as Artes, o Respeito a outras formas de vida, bem como à própria sapiência, que, se no seu entendimento teológico significa “sabedoria divina”, no entendimento científico se define como “o homem que sabe o que sabe”, o que nos remete para o mesmo paradoxo.

Ora, tudo isto são nomenclaturas criadas como suporte à criação de Identidade, à interpretação de todas as coisas, pois o cérebro do *Sapiens Sapiens* não sobrevive sem pensamento, logo, sem atribuir lógica, inclusive à própria existência, ao caminho percorrido e ao que encontra no limite deste. Tudo, para responder à mesma pergunta de sempre: Quem sou eu? Que faço aqui? De onde venho? Estas três perguntas são até responsáveis por muitas áreas da ciência, e por diversos estudos, alguns que parecem de áreas tão distintas, tão longínquas como da Arqueologia à Astronomia e da descoberta do próprio “Big Bang”, mas que na verdade se aproximam na mesma procura: a da Identidade.

É curioso ver as mensagens de sensibilização ecológica: “A Terra precisa de nós!”, “Vamos salvar a Terra!”, ainda que parece uma unicidade, no sentido da pertença de todos ao ecossistema, desvinculámo-nos do sujeito, atribuindo a questão a um problema externo, quando na verdade caminhamos para a nossa extinção. Neste sentido, a Terra sempre cá estará, com ou sem alguns animais. Ela encontrará forças para retomar o seu curso, nós é que podemos já não fazer parte dele. Assim, a expressão deverá dizer: Vamo-nos salvar! Convém, pois, assumir o problema na primeira pessoa, o Nós, e é aqui que entra a Identidade. Quem somos?

Ouve uma altura, e não foi tão breve assim, em que essa consciência fazia parte das vivências diárias de todas as comunidades. Esse homem pré-histórico, de quem ninguém fala e que toda a gente acredita estar longínquo na nossa herança, retardado e primitivo, é talvez aquele para quem devemos olhar a fim de encontrarmos as respostas às nossas reações mais primitivas e talvez criar o laço necessário para nos reencontrar com a Terra, a natureza e o nosso caminho evolutivo.

2. REFLETINDO SOBRE IDENTIDADE

Com o desaparecimento da interioridade, e consequentemente do conteúdo essencial e total do sujeito, o que testemunhamos hoje é uma curadoria do “Eu” - uma edição permanentemente construída da imagem projetada sobre si no mundo, independente deste, em que até aqueles que dizem seguir uma vida holística, precisam de “rótulos” a fim de ver a sua identidade reconhecida, legitimada e definida como parte

de algo. A mente humana, na sua necessidade de entendimento, precisa de dar nomes às “coisas”, o que eleva a discussão para tal patamar que as ciências e filosofias contemporâneas distinguem o cérebro da mente, ou seja, o Ser Humano do Ser Pessoa. A separação é tal que cria uma necessidade emergente de pertença. Pertencer a um grupo, pertencer a uma ideia, a uma comunidade, a uma forma de vida, a qualquer coisa que faça desaparecer de si essa sensação de estar inadequado, separado. Essa necessidade é o pressuposto para a nossa separação. O indivíduo é naturalmente diferente em si, sem necessidade de refletir o seu Eu em critérios definidos como um novo grupo identitário. O próprio “ser diferente” é utópico, traz consigo uma auto-produção que se traduz na referência de ser diferente, com isto persegue o igual, o já nomeado, o já produzido, porque a mente humana, na sua diversidade, carece de “rede de pensamento”, de aceitação, de sensação de pertença. Na busca da sua própria “Identidade”, desloca-se para extremos e perde-se no caminho. Traça uma via fora do saber divino e perde-se da totalidade do ser como foi criado. Neste percurso afasta-se da memória coletiva adquirida e dos que fazem parte dela, dando passos isolados. Ao perder a conectividade, perde a sua essência de relação com o todo, para ganhar uma essência fora deste.

Na procura de uma definição de fronteiras mais concreta sobre o significado e a identificação da Identidade entrelaçam-se e por vezes confundem-se, atribuindo a esta conceitos de outras e a outras conceitos desta. A identidade de quê, de quem, de o quê, são as balizas fronteiriças da própria identidade, que nesta busca frenética, divide-se e subdivide-se. A crise adensa-se principalmente na procura de identidade pessoal, que consequentemente permeia, cada vez mais, por um *link* direto com o sentimento de pertença a tudo o que consiste em fatores de vivência comuns a que o indivíduo está inserido e que o identifica com base no que compartilha com outros membros do mesmo grupo, sejam tradições, crenças, preferências, hábitos, hobbies, género ou quaisquer outros itens que façam parte da vontade de viver juntos ou da mesma partilha e que constituem o “Ser Social”. A isto pode-se chamar “cultura” que se materializa em comportamento e que deixa a procura de identidade pessoal *linkada* à Identidade coletiva e à socialização. Ao abrigo das inúmeras áreas de estudo ou investigação, sejam a Antropologia, a Genética, a Medicina, a Filosofia, o Direito, a Psicologia ou qualquer outra, a Identidade conta já com inúmeras subdivisões, sejam elas a Identidade Cultural, a Genética, a Paleontológica, a Jurídica, a Psicológica, a Comportamental, ou qualquer outra, mas todas têm algo em comum – a Identidade é o ato de identificar. Identifica-se um indivíduo, uma situação, um código, um padrão, uma cultura, mas quando o ato de identificar se relaciona com a individualidade, com o que caracteriza em exclusivo cada indivíduo, a identificação transcende as temáticas vulgares, sejam a genética, a de direito jurídico, a de género ou outras que sejam de carácter exclusivo. Assim, as identidades podem ser vistas de maneira mais macro ou mais micro, sendo que uma só identidade, pode ou não identificar outra. Por exemplo, quando identifico o Fado, identifico Portugal, quando identifico o Tango, identifico a Argentina, mas nem por isso, ao identificar o fado identifico todos os portugueses.

Podemos então reconhecer que, o que define Identidade,

revela-se em crise, principalmente no que respeita ao reconhecimento do próprio ser, seja de forma individual ou de forma coletiva. A Identidade Cultural aponta para ser um conceito de Identidade coletiva herdada do comum desse grupo, que pode não definir a complexidade desse grupo. Esta é estudada nas áreas da sociologia ou antropologia, que indica a cultura em que o indivíduo está inserido e que pode ajudar a determinar a Identidade de pertença individual. No entanto, a mesma não se pode distanciar da multidisciplinaridade que determinados fatores imperam na identificação decisiva de que um grupo faz parte de tal cultura, logo, não se distancia dos estudos do passado. Considerando que é necessário analisar, por exemplo, a história, o espaço, a raça, a etnia, o idioma, a crença religiosa ou a ausência dela, eu arriscar-me-ia a dizer que, face às discussões da atualidade, a Cultura e por consequência a Identidade, apontam para as áreas de estudo de todas as ciências sociais e humanas e talvez não fique por aqui, chegando mesmo às ciências exatas. Portanto, vale lembrar que o conceito de Identidade é de tal forma complexo que se anula a si mesmo. Nesta dicotomia, a sua noção carece de estruturação que depende de vários fatores, como da soma de todas as experiências, a par com todas aquelas que são de herança, vividas e estruturadas no *habitus* que prevalece e do seu reconhecimento social, ainda que o homem tenha ou não consciência disso. A título de exemplo só para reforçar o entendimento da nossa posição, a força com que um bebé se agarra é herança genética coletiva (Tortoreli, 2018), explicada pela psicomotricidade; ou as cocegas que cada um possui tende a ser um reflexo de situações sociais adotadas, retratadas como um processo mais neurológico que físico (Hall e Allin, 1897). Estes dois casos, entre inúmeros outros, explicam que nem tudo é o que consideramos e muito temos ainda que percorrer para um entendimento geral de conceitos tão abrangentes como Identidade.

Na ciência natural tudo é definido por opostos, só sabemos que existe o quente, porque existe o frio, que existe o branco, porque existe o negro, sempre assumindo a ausência pela existência e vice-versa. Na física diz-se que este dualismo vem antes do próprio *Big Bang*, isto é, antes da origem do Universo, e que nos remete para a necessidade da Identidade do Criador, sendo ele próprio o formador do caos e da ordem, isto é, dessa dualidade. A própria noção do comportamento dos prótons e a direção da sua rotação, na ciência nuclear (*Sánchez del Río, 2003*), traduzido na teoria spin 1/2, apresenta-nos que existe muito mais para além do que o nosso cérebro (mente) explica. Logo, até que ponto é confiável o nosso entendimento da Identidade (pertença do indivíduo) e neste jogo de palavras duais da sua não pertença ou associação a outra, pela criação de outra identidade. Tudo parece um mar revolto sem sentido e a crescente complexidade anula completamente o pouco que ainda existe.

Ora, tentando explicar o pressuposto que temos defendido nos parágrafos anteriores, somos antes de mais pertencentes à Identidade que nos advém, isto é, à Identidade Criadora do Universo, logo à totalidade da Terra, onde nascemos e crescemos e por fim ao conceito de ser humano físico, transcrito no ser pensante *sapiens sapiens* (que sabe o que sabe). Devemo-nos limitar a saber o que sabemos. Neste patamar, a questão que se coloca é o que sabemos nós? Claro que podemos ir na exata medida em direção ao filósofo Sócrates, que menciona que “só

sei que nada sei”. Há que desconstruir o saber a que chegamos na atualidade, para perceber se no tempo do filósofo Sócrates, não se saberia mais do Eu, do que se sabe hoje.

Na tradução do comportamento humano, em parte, o processo cultural, de que falamos, parece ser o mote chave que abre a porta para o conceito Património que é herdado e expressa a identidade desse grupo que comunga dos mesmos ou, pelo menos, da maioria dos mesmos *habitus*. Estes *habitus* são traduzidos em ações visíveis, a que chamamos de cultura material, ou menos visíveis, que relatam pensamentos, processos cognitivos de adesão, compreensão e realização; os chamados bens imateriais ou património imaterial. O termo Património define-se pela herança direta do *Pater*; isto é, pelo que nos chega das gerações nossas antecessoras, a essas associam-se o espaço, os eventos históricos da formação dos grupos sociais, normalmente também relacionados com a língua, aos comportamentos, sejam quotidianos ou simbólicos.

3. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ENQUANTO TRANSMISSOR DE CONHECIMENTO DO *PATER* E GERADOR DE IDENTIDADE

O que é isso de Educação Patrimonial? E em que é que a Educação Patrimonial se relaciona à Identidade?

Muitas são as vezes, talvez até demasiadas, em que damos conta que as iniciativas ligadas à difusão, divulgação e promoção do património ficam na atenção daqueles que direta ou indiretamente têm ligações à área, seja por motivos profissionais ou académicos. Dificilmente e poucas vezes se consegue, prender a atenção das camadas mais jovens, seja no seu quotidiano, na construção da sua individualidade ou até nas matérias escolares sobre estes assuntos, e, ouvimos frequentemente frases como “Mas para que é que isso me serve?”; “Em que é que isso me vai ajudar a arranjar um trabalho e a sustentar a minha família?”, entre outras que fazem parte das inúmeras questões que se ouvem quando se fala em património.

Como referimos no ponto anterior Património é um bem que nos chega por herança, para haver uma herança é necessário fazer-se passagem de esse bem para um Eu, vindo de um outrora Nós que possui relação com esse Eu.

Herdamos um nome, uma família, uma casa, uma Terra. Esse nome possui uma história que determina a Identidade, a família proveio de outras que se relacionaram para dar origem ao Eu, a casa possui associado o conceito de propriedade, pertença a algo e por aí fora até à Terra, ao Universo, ao ser criador. Tudo isso é herdado e neste sentido como damos relevância ao nome, à família, à casa, a nação que nos recebeu, devemos, de forma crescente e não decrescente, nos ligarmos ao passado. Somos um reflexo de onde viemos. Este verbo é a expressão máxima da nossa herança, do nosso Património.

Ora, a Educação Patrimonial tem também a seu encargo, na atualidade, a responsabilidade de se promover a ela própria, reconhecendo que o processo de crescimento está diretamente ligado aos processos de socialização e que é através deste que se reconhece a identidade de um grupo. É nesse reconhecimento que a Educação Patrimonial assume um

papel de crucial importância, quer na sua herança genética, cultural ou na diversidade de pensamentos que cada vez mais vivemos, tendo em conta que a multiculturalidade já não se prende apenas a espaços ou países, que num zoom out são bem delimitados. Atualmente é fácil encontrar pessoas de diferentes crenças, etnias e culturas em cada porta e em qualquer lugar. Ora, é somente no conhecimento dos diversos patrimónios culturais que podemos entender o outro, algo fundamental na vivência em sociedade, contudo, é igualmente e talvez até mais importante perceber, que acima da identidade cultural de cada um, existe uma identidade coletiva fruto das vivências e vicissitudes de um povo e que esta, se sobrepõe à outra, pois ainda que a identidade de um seja respeitada, não se sobrepõe às regras que constituem viver dentro da sociedade onde se encontra. Ora, isto diz-nos, que a Educação Patrimonial tem inclusivamente a responsabilidade de manter acesa a memória coletiva da identidade de um povo e de um local afim desta não se perder na diversidade cultural envolvente.

Isto ajuda-nos a definir Património, pois não são só os monumentos que constituem o património; todas as singularidades de um povo ou de um grupo de pessoas constituem património. Neste incluem-se todas as coisas que excedem o valor quantitativo e alcançam o valor qualitativo. Desta forma, a adoção de canais comunicativos que cheguem a todas as camadas sociais e às classes etárias mais jovens é cada vez mais emergente. O recurso às novas tecnologias, à multimédia e a novas linguagens, mostra ser o principal veículo difusor de Identidade, de cultura e por consequência, do Património. Se solicitarmos a um jovem que nomeie três objetos que fazem parte de si, um deles, senão os três seria um objeto multimédia (televisão, tablet, telefone). A imagem é a representação mais fiel da realidade que é absorvida, hoje em dia, sem medida. Através dela e por ela, consegue-se uma leitura interpretativa dos processos e evoluções cognitivos desde que o homínido começou a deixar a sua interpretação do mundo nas paredes rochosas (Pacheco, 2018).

No processo de Educar convém passar os valores ligados ao *Pater* e estabelecer limites aos reconhecimentos individuais, normalmente separados da Identidade que nos forma. Atualmente vemos a sociedade a extravasar todas as fronteiras, sem qualquer sentido de relação, querendo encontrar definições para cada ser que compõe a diversidade que é característica ao Ser Humano. Isso não é Identidade, não é Património e nem é Sapiência, no sentido demonstrado nos pontos anteriores. O Homo, ao qual pertencemos na sua génese mais antiga, deve assumir no interior do seu grupo essa mesma diversidade. Isto não desvaloriza o que somos, mas liga-nos pelo vínculo mais profundo ao que somos, quem somos e como chegamos aqui.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importa, por isso, educar para o *Pater*.

Saber reconhecê-lo é o melhor caminho para permitir a preservação de valores, bens, estruturas que compõem o Património herdado. Este é o caminho que nos une para salvaguardar gerações, histórias, passados e identidades de grupo que se formaram ao longo do tempo e que dão as respostas basilares necessárias à nossa formação de EU.

Não vivemos desgarrados do outro. Nós, na individualidade de cada um, somos o coletivo do Ser, pois a Ele pertencemos.

5. REFERÊNCIAS

- PACHECO, D. (2018). Arte rupestre pode ajudar a entender como linguagem humana evoluiu. In *Jornal da USP*. Editorias: Ciências Humanas. Consultado a 12/01/2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/arte-rupestre-pode-ajudar-a-entender-como-linguagem-humana-evoluiu/>.
- HALL, G. S., A. ALLIN (1897). The psychology of tickling, laughing and the comic. *The American Journal of Psychology*, 9, 1-42.
- SÁNCHEZ DEL RÍO, C. (2003). Estructura de los núcleos atómicos. In Carlos Sánchez del Río, *Física Cuántica* [S.l.] (pp. 882–899). Madrid: Ediciones Pirámide.
- TORTORELI, J. B. (2012). *Importância da estimulação precoce no desenvolvimento motor de crianças sem acometimento patológico: reflexão sobre a atuação do fisioterapeuta* (Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Fisioterapia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA). Disponível em: <http://repositorio.faela.edu.br/bitstream/123456789/72/1/TORTORELI%20J.%20B.%20-%20IMPORTANCIA%20DA%20ESTIMULACAO%20PRECOCE%20NO%20DESENVOLVIMENTO%20MOTOR%20DE%20CRIANCAS%20SEM%20ACOMETIMENTO%20PATOLÓGICO..%20REFLEXÃO%20SOBRE%20A%20ATUAÇÃO%20DO%20FISIOTERAPEUTA.pdf>.